



**Bernardo Carvalho**  
no 'Camões dá que falar'  
**O desejo contra as**  
**políticas identitárias**

Pág. 2/3

**Feira do Livro de Guadalajara**  
**Pessoa e Sá-Carneiro**  
no topo das traduções

Pág. 3

**Rede EPE**  
**Professores**  
debatem mediação

Pág. 2



## Mediação no Ensino Português no Estrangeiro debatida em encontro de professores

❖ A utilização da mediação no ensino da língua portuguesa vai ser o tema em volta do qual é organizado o programa de trabalhos do 3º encontro da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE), tutelada pelo Instituto Camões (Camões, I.P.), que vai decorrer a 23 de julho na Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), em Lisboa.

O encontro – que será aberto pelo administrador da FCG Guilherme d’Oliveira Martins e que contará com intervenções do ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, e do Presidente do Camões, I.P., Luís Faro Ramos, estando o encerramento a cargo do secretário de Estado das Comunidades, José Luís Carneiro – deverá ter a presença de mais de uma centena de professores da rede EPE e, pela primeira vez, de diversos conferencistas estrangeiros.

A atenção dada este ano à mediação no ensino das línguas surge na sequência da publicação, no final de 2017, pelo Conselho da Europa de descritores mais desenvolvidos sobre esta área educativa, no âmbito do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), segundo indicação da divisão de programação, formação e certificação da direção de serviços de língua e cultura do Camões, I.P.

Até então, o QECR “centrava-se essencialmente nos descritores da produção e da receção – escrita, leitura e compreensão”, sendo deficitário na área da mediação. Como muitas outras entidades, o Camões, I.P. “participou na ‘pilotagem’ destes descritores”.

Com efeito, “esta atividade de mediação, na perspetiva do português língua de herança”, que é aquela que é ensinada no âmbito da rede EPE – “é uma atividade muito importante, porque permite criar pontes com as outras disciplinas e com as outras línguas presentes na escola”. Pelo que se entendeu ser de propor aos seus docentes conhecer melhor esta área, que estava menos desenvolvida.

Para o fazer, o encontro contará com uma conferência da especialista da Language Policy Unit do Conselho da Europa, Marisa Cavalli, que trabalha sobre o conceito de mediação.

Na mesma linha, o programa do encontro compreende a apresentação do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no Luxemburgo com os cursos complementares – cursos ministrados na continuação da atividade escolar regular e com registo da sua frequência e avaliação na caderneta escolar e certificação pelo Camões, I.P. –, “em que

o conceito de mediação é um dos eixos teóricos e práticos”, representando no fundo a “aplicação prática do conceito”. Sendo estes cursos resultado de “um trabalho conjunto entre o Camões, I.P. e o Ministério da Educação do Luxemburgo”, também na sua apresentação no encontro estará presente Angélique Quintus, que integra por aquele ministério o grupo de trabalho que tem estado a trabalhar neste desenvolvimento curricular.

Apesar da mediação, enquanto tema, ter sido muito reforçada com o volume de acompanhamento do QECR, “não é uma novidade absoluta”, pelo que “já existe algum trabalho em que atividade

de mediação está mais presente” e que será apresentado no ponto do programa dedicado às “boas práticas” que nessa área estão a ser implementadas na rede EPE. Em 2017, no 2º encontro, o ponto do programa das boas práticas “funcionou muito bem e foi muito bem recebido pelos docentes”. Os exemplos virão de projetos na Alemanha, Luxemburgo e na Suíça.

O último ponto dos trabalhos do encontro será a apresentação pela investigadora Pascale Angel de Abreu, da Universidade do Luxemburgo, dos resultados de um projeto de investigação de que foi responsável, sobre “a intervenção



2º encontro da Rede de Ensino Português no Estrangeiro, em 2017

da linguagem oral no ensino pré-escolar, junto de crianças minoritárias, neste caso portuguesas”.

O que o projeto fez “foi desenvolver um conjunto de atividades e de materiais para estimular o desenvolvimento da oralidade em crianças em idade ainda pré-escolar, na sua língua materna, neste caso o português” e mediu a “influência que isso teve depois no seu desempenho” nos 1º e 2º anos de escolaridade. De recordar que, no Luxemburgo, 25 por cento das crianças do 1º ciclo são portuguesas ou de origem portuguesa.

Os resultados do estudo permitem dizer que “o reforço da língua materna do aluno ou da criança que está a residir no estrangeiro (...) favorece o seu desempenho escolar e a aprendizagem das outras línguas e das outras matérias”. Testado nas matérias de alemão e matemática, o estudo mostrou que “estes alunos tiveram um desempenho superior ao grupo de controlo, que não esteve neste projeto de estímulo da língua materna na oralidade antes de entrar na escolaridade”.

Os resultados do projeto vêm confirmar aquilo que o Instituto Camões defende sobre o ensino da língua portuguesa nas comunidades expatriadas e têm o interesse suplementar de terem sido obtidos num estudo efetuado por um governo estrangeiro.

Respondendo às sugestões dos participantes nos anteriores encontros, a sessão deste ano terá um período específico destinado ao debate entre os conferencistas e os professores presentes, depois da realização de cada conferência.

## Bernardo Carvalho no ‘Camões dá que falar’ O desejo contra as políticas identitárias

❖ Foi um libelo contra a literatura *engagé*, na sua versão atual de literatura identitária, a intervenção que o escritor Bernardo Carvalho (Rio de Janeiro, 1960), com mais de uma dezena de obras publicadas em Portugal, fez a 4 de junho passado, no auditório do Instituto Camões, ao falar como convidado na 6ª sessão da série de conversas ‘Camões dá que falar’.

Apresentado pelo Presidente do Camões, I.P., Luís Faro Ramos, o autor de *Nove noites*, Prémio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, e *Simpatia pelo demônio*, o seu mais recente romance, de 2016, que teve ‘literatura e desejo’ como tema da sua predicação, investiu genericamente contra as políticas identitárias e as criações literárias que delas se alimentam, considerando que a literatura não comprometida “abre o mundo, amplia o mundo, amplia os sentidos, e faz os sentidos se tornarem mais complexos”.

Na política identitária há “um estreitamento do mundo”, que tem a ver com a internet, as *fake news*, onde se procura controlar o real pela mentira. “O que é interessante no real é que ele é imponderável, ele escapa, como o desejo, como a morte”, sustentou o escritor brasileiro, que tem um extenso rol de prémios literários, em que avulta ainda o Prémio APCA, da Associação

Paulista dos Críticos de Arte, em 2003, e os prémios Jabuti de 2004 e de 2014.

Bernardo Carvalho começou por avisar que a sua intervenção era “uma conversa” e que as ideias que expunha eram “incipientes”, não tendo “certeza sobre nada” do que estava dizendo. “Não é o meu discurso, é uma conversa e eu vou usá-la como um confronto, inclusive para tentar esclarecer coisas que não estão tão claras na minha cabeça”, anunciou como intenção, declarando ser “totalmente a favor dos movimentos de luta pelas identidades transgénero, por que cada um tenha o controlo do seu próprio corpo”, e dos “feminismos que combatem a violência sexual que é propiciada pela desigualdade de género”. Para ele, aliás, “não existe luta política sem identidade”. “Não dá para você lutar sozinho”. A identidade é, assim, “necessária e inevitável”.

No dizer de Bernardo Carvalho, a questão do desejo na literatura acompanha-o desde o início dos seus livros, por ser ele, no seu entender, que dá corpo à “possibilidade política da literatura”. Mas ao escrever *Simpatia pelo demônio*, o tema “ganhou uma nova consciência e uma nova dimensão” para o escritor, porque o livro “foi gestado” no espaço temporal de dois acontecimentos sociais, os atentados terroristas e a política identitária de género, que, parecendo



“opostas, contrárias e contraditórias”, “no fundo” têm para ele “um elemento comum, e que é em que ambas as manifestações do desejo é um problema”. Nos atentados terroristas, sobretudo os dois que o comoveram quando escrevia o livro – o atentado em Paris contra a casa de diversões Bataclan (2015) e o atentado contra uma boate gay na Flórida (2016) – “o que está sendo visado sob pretextos ideológicos, religiosos e tudo o mais, é o prazer do outro”. Já no caso das políticas de género,

Bernardo Carvalho assinala a deslocação, por parte dos movimentos de emancipação de gays e lésbicas, da ênfase no desejo e no seu reconhecimento, para o “género no sexo”, tanto nos movimentos transgénero, como no feminismo atual. “Isso é muito curioso. Porque é como se o desejo fosse criminalizado”. “É lógico que tem outras ambiguidades aí, outras complexidades, [mas] é curioso que o desejo passe a criar problema, quando nos movimentos gays e lésbicos não era problema. Era na realidade o objeto, a ênfase”.

### SANTO AGOSTINHO

Nesse cenário dos atentados terroristas e das lutas identitárias, Bernardo Carvalho faz “uma associação, que talvez seja sofismática” – concede –, mas em que “o desejo e as identidades são coisas opostas, contraditórias e incompatíveis”. Afirma mesmo que “toda a luta identitária vai encobrindo uma realidade que a literatura devia revelar, que ela revela precisamente quando está associada ao desejo e à representação desse elemento incontrolável, mas que é contraditório, desagradável e às vezes insuportável”.

O escritor brasileiro evocou na sua intervenção o último volume da *História da Sexualidade*, de Michel Foucault, intitulado *As confissões da carne* [*Les aveux de la chair*], onde é abordada pelo filósofo francês a forma como Santo Agostinho, nas *Confissões*, separou o sexo de desejo, num processo designado por Foucault como ‘deslibidinização’. Explica Bernardo Carvalho: em Santo Agostinho, “o sexo é bem-vindo, o sexo

na verdade é um elemento de controlo da vida privada, da vida pessoal, e do desejo não. O desejo é devassidão, descontrolo, na verdade o que deve ser combatido”.

Esta separação ecoa, segundo o escritor brasileiro, “uma preocupação” que tem “desde sempre” na sua literatura, a saber, “que o desejo está do lado da verdade e que a identidade está do lado da impostura. (...) Sempre que o desejo se manifesta, o desejo está do lado do real, da verdade, contradiz a razão, o que nos contradiz. A identidade é como se fosse uma mula que encobre esse descontrolo, esse desvario, essa devassidão que o desejo representa”.

Bernardo Carvalho deu vários exemplos sobre a forma como na literatura se reflete essa tensão entre desejo e identidade, referindo-se à obra a Philippe Roth, às identidades coesas e ilusórias das personagens do realismo do século XIX, de onde o desejo foi banido (postas a nu pelo crítico norte-americano Léo Barsani), ao narrador proustiano “essencialmente incoerente” num mundo de personagens com coerência própria, e às obras de escritores como Thomas Mann, Kafka, James Baldwin e Mary Gaitskill.

Mereceu-lhe uma longa referência a publicação no final de 2017, na revista *New Yorker* do conto *Cat person*, de Kristen Roupenian, que provocou “uma das maiores comoções na história dos leitores dessa revista”, com defensores e detratores. “todos relacionados ao que aquele conto representava hoje, nessa sociedade muito dividida com lutas identitárias”.



## Feira Internacional do Livro de Guadalajara Pessoa e Mário Sá-Carneiro no topo das preferências dos novos lançamentos

■ Fernando Pessoa é um autor de língua portuguesa que continua a concitar preferências de muitas casas editoriais por esse mundo fora. Cinco das suas obras vão ser editadas em espanhol, este ano, por editoras hispano-americanas, no âmbito do programa de apoio à tradução, publicação ou reedição de autores portugueses ‘Portugal-Guadalajara 2018’, promovido pela Direção-geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB) e pelo Instituto Camões.

O programa foi criado em suporte da presença de Portugal na Feira Internacional do Livro de Guadalajara, México, de 24 de novembro a 2 de dezembro, e em que Portugal é o país convidado, com uma programação que conta com a participação de mais de 40 escritores de língua portuguesa em visitas a escolas, lançamento de livros, sessões de leitura e encontros com leitores.

Destinado a obras de autores portugueses e africanos de língua portuguesa, o programa vai permitir a publicação de um total de 55 obras em língua espanhola, de 45 autores de países de língua portuguesa, um dos quais de banda desenhada e seis ilustradores, por 30 edi-

toras de sete países hispano-americanos – Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru, Uruguai e Venezuela. O concurso aberto para editoras latino-americanas permitia obras em “ficção, poesia, ensaio, dramaturgia, livros ilustrados e banda desenhada”, a serem publicadas na Feira de Guadalajara.

Apenas três livros escapam à classificação como obras literárias. São elas *Um político assume-se*, ensaio autobiográfico do antigo Presidente da República Mário Soares, publicado na Colômbia, *História trágico-marítima*, de Bernardo Gomes de Brito, e *Street Arte em Lisboa*, ambas editadas no México.

Embora a grande maioria das obras apoiadas seja de autores portugueses, os angolanos Pepetela, Manuel Rui e José Eduardo Agualusa e a moçambicana Paulina Chiziane também viram livros seus receberem apoios para publicação.

Para além de Pessoa, publicado em cinco países, entre os outros autores com mais do que uma obra contemplada com apoio à edição em língua espanhola, está um ‘correligionário literário’ do autor de *Mensagem* Mário de Sá-Carneiro, com quatro livros editados em dois países (três dos quais na Colômbia).

Outro autor com idêntico volume de edições apoiadas é José Luís Peixoto, com quatro livros publicados em dois países (3 dos quais no México). Na lista seguem-se Gonçalo M. Tavares, com 3 livros publicados, todos por editoras mexicanas, e, com dois livros, Lídia Jorge, na Colômbia e no México, Pepetela, na Colômbia e no México, José Eduardo Agualusa, e numa mesma editora argentina, e Sandra Santos, no México e no Peru.

Na longa lista de nomes surgem ainda autores como Adília Lopes, Afonso Cruz, Catarina Sobral, Eugénio de Andrade, Gastão Cruz, João Tordo, Manuel Alegre, Mariana Alcoforado, Nuno Júdice, Raúl Brandão, Ricardo Araújo Pereira, Ruy Belo e Sophia de Mello Breyner Andersen.

Do universo de 38 tradutores implicados nos processos das edições apoiadas, alguns deles são igualmente escritores. E um académico colombiano, o especialista pessoano Jerónimo Pizarro, titular da Cátedra de Estudos Portugueses *Fernando Pessoa*, na Universidade de Los Andes, em Bogotá, deu a cara pela tradução para espanhol de *A doença, o sofrimento e a morte entram num bar*, um manual de escrita humorística da autoria do comediante português Ricardo Araújo Pereira.

rias, feminismos e tudo mais”. O conto, que narra um (des)encontro amoroso entre uma rapariga e “um sujeito mais velho, gordo, branco, tudo o que pode ser execrável para todos nós, em princípio, porque ele não é negro, não é gay, não é nada”, apresentava como originalidade, no dizer do escritor brasileiro, o facto de a protagonista estar “imune ao desejo”. “A pessoa subjugada ao desejo era o execrado, era o homem. Ela não sofria do desejo, ela estava sob o domínio da razão. E tratava o sujeito como um reles homem submetido ao desejo, um selvagem. (...) Isso é muito interessante, porque é como se o lugar do desejo virasse o lugar do crime”, considerou Bernardo Carvalho que se declarou “perplexo”. “De alguma forma, senti que havia ali uma impostura, que é a impostura de alguém que, de repente, se diz totalmente imune ao desejo”.

Na tradição a que Bernardo Carvalho pertence e aprecia, “o desejo está ligado à verdade”, “a literatura está ligada à verdade” e “é uma literatura do real, mas do real de uma forma radical, de uma forma em que o contraditório tem que estar presente”, em que “a incoerência é fundamental” e isso “é um ponto incompatível com as literaturas identitárias, que a gente vê hoje pulando um pouco por todas as partes”.

O papel da literatura é quebrar as convenções e as crenças que a luta identitária cria, “como se a tradição fosse uma natureza, como se fosse algo que sempre existiu”. E conseguiu-o deixando-se “ser trespassada pelo desejo”.

### NUMA LÍNGUA EMPOBRECIDA

As identidades nacionais, segundo o autor brasileiro, estão entre essas convenções e não admira assim que, quando interpelado pela plateia sobre a afirmação e a projeção internacional da língua portuguesa, “atendendo ao enquadramento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”, Bernardo Carvalho tenha dito claramente não acreditar numa “identidade geral dos povos de língua portuguesa”.

O escritor, disse, “trabalha contra as identidades, não a favor”, e isso é para ele “o mais interessante”. “Na verdade eu prefiro ser o escritor que trabalha a língua portuguesa como sendo uma língua estrangeira”, declarou, acrescentando que pessoalmente gosta de “um português empobrecido”. “Gosto de poder escrever mal em português, gosto de querer quebrar a ideia de um português como língua hegemónica, como língua identitária que abrange várias nações, vários povos”. Para o autor brasileiro, são “muito mais interessantes as singularidades, as diferenças”. “Se eu fosse inglês, também ia ter uma relação com a língua inglesa de um certo confronto, tudo em relação a essa ideia da língua como formatação de uma identidade que precede”.

O que o escritor acha interessante “é uma coisa que a literatura está fazendo o tempo inteiro, é [que] na hora que ela contradiz essa identidade, ela está contradizendo toda a convenção que a precede. É como se ela criasse uma nova convenção, a cada livro, a cada escritor”.

A Bernardo Carvalho, a ideia de pertença e identificação “parece contrária, ou pelo menos diminuidora, das potencialidades políticas da literatura”. Ele considera que “a literatura é mais potente, mais interessante, quando rompe com esse vínculo”, eventualmente de submissão, “com esse conforto de um lugar em que você se sente bem.”

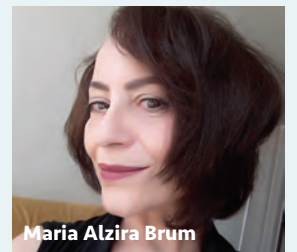
Num último tópico da sua intervenção, em resposta a uma pergunta do embaixador Luís Faro Ramos sobre “como é visto hoje o lugar da literatura no Brasil pelos brasileiros”, Bernardo Carvalho foi perentório em dizer que o Brasil “é um país iletrado” e “impróprio para a literatura”. Não apenas por falhas na educação da grande massa, mas também pela atitude das elites. Se Portugal, Argentina ou México são, de alguma forma, nos exemplos do escritor, países literários, o Brasil não o é, em parte por causa de “uma identidade que é uma identidade imprópria a questões literárias”, por efeito “de uma caricatura do país”, usada “oportuniticamente” para se mostrar no exterior como um país do samba e do futebol, resultando daí que “não é um país da literatura, como também não é um país da ciência”, “como se tivesse um descrédito *a priori* em relação a toda a produção intelectual que saísse daquele lugar”.

“Não é uma questão da pobreza, é uma questão cultural e uma questão de estereótipo, de como funciona a autoimagem desse país”, que não foi apenas um estereótipo imposto ao Brasil do exterior. “Foi comprada pelos próprios brasileiros e revendida para o exterior”.

## Os tradutores escritores



Eduardo Langagne



Maria Alzira Brum

■ São tradutores, mas também escritores. Eduardo Langagne, mexicano, 65 anos, é um poeta premiado que dirige a Fundação para as Letras Mexicanas. Maria Alzira Brum Lemos, brasileira, vive no México e escreve ficção em português e espanhol e ensaios sobre temas culturais, tendo feito parte da antologia *Geração Zero-Zero*, que reuniu autores brasileiros da primeira década do século XXI.

São responsáveis pela tradução para espanhol de obras publicadas no México no âmbito do programa especial de apoio à tradução, publicação ou reedição de autores portugueses promovido pela Direção-geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB) e pelo Instituto Camões para a Feira Internacional do Livro de Guadalajara, em que Portugal é o país convidado, (v. texto ao lado).

Langagne deu corpo à tradução da obra dramática *O Marinheiro* e do poema *Tabacaria*, ambos de Fernando Pessoa, que foram escolhas pessoais. A primeira, um “poema estático, como o definiu o próprio Pessoa, já tinha sido publicado na revista *Tierra Adentro* do Instituto Nacional das Belas Artes (INBA) [do México]”, refere. *Tabacaria* foi impresso pela *editorial La Diéresis*, em 2015, numa edição colecionável. No volume que vai agora sair na editora *Tabacaria Libro*, o poeta-tradutor mexicano integrou três poemas seus dedicados a Pessoa.

Já as traduções feitas por Maria Alzira Brum de dois livros de Gonçalo M. Tavares e de uma antologia de quatro escritoras portuguesas contemporâneas (Ana Teresa Pereira, Rita Pea, Luísa Monteiro, Luísa Demétrio Raposo) “foram escolhas das editoras”, que, no entanto, a consultaram. Explica ainda que a editora Matadero já havia publicado uma obra de Gonçalo M. Tavares, *Enciclopédia*, e tinha a intenção de publicar o 2º volume da obra (*Enciclopédia II. Breves notas sobre literatura-Blomm, Breves notas sobre música*), além de *Atlas do corpo e da imaginação*, “um texto longo em que dialogam filosofia, ensaio, ficção e imagens”.

Quanto à terceira obra, da casa Libros empleados, resultou do desejo do editor de ter “uma antologia de textos de mulheres, pois em geral as obras de escritores homens são mais conhecidas”, diz Maria Alzira Brum, que em conjunto com a editora foi também dando forma à antologia – “já que tenho contactos literários em Portugal”.

Não é a primeira vez que Langagne

traduz literatura portuguesa para espanhol. Segundo diz, publicou “traduções de Saramago em revistas mexicanas em 1992 e 1994”, coordenou “a tradução da *Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea*, de Fernando Pinto do Amaral”, em 1997, e publicou “35 *Sonnets*, de Fernando Pessoa, em 2006, com uma nova edição em 2016”.

### PROXIMIDADES VÁRIAS

O poeta mexicano afirma que as relações do trabalho de tradução com a sua obra literária são “muito intensas e próximas”, considerando mesmo a tradução como parte da segunda. Não está longe do que Maria Alzira Brum diz sobre o tema: “escrever e traduzir são maneiras complementares e conflituantes de estar na literatura e na escrita”. Para ela, “ver as coisas de outra forma e entender como outro(a) autor(a)s escrevem, é um aprendizado valioso, embora não cumulativo nem diretamente aplicável”, porque “cada processo criativo, cada obra, é único e exige soluções únicas”, apesar de às vezes encontrar “obras que têm pontos comuns” com o que faz. Mas, defende, “traduzir é um trabalho, e um trabalho em que a escritora é coadjuvante, não protagonista”.

No concreto destas traduções, Eduardo Langagne considerou “muito interessante que Pessoa colocasse em *O Marinheiro* poesia lírica em boca de diferentes personagens femininas, com o que o poeta intenta mostrar as possibilidades expressivas que existem além do eu que canta” e apresenta o seu traslado de *Tabacaria*, que já tem traduções por autores de língua hispânica, no campo das “alternativas de leituras possíveis”.

Para Maria Alzira Brum, que diz utilizar um espanhol ‘internacional’ com recurso a “termos e palavras comuns no espanhol mexicano”, já que é do mercado mexicano que se trata, o desafio maior da tradução “é sempre o conjunto: reconstruir o estilo, o ritmo e, claro, os conteúdos, em outro idioma, lembrando que também é importante que o fundo, o português de Portugal, não desapareça”.

Atendendo a que a proximidade entre o espanhol e o português é real, Langagne avisa que “o tradutor deve estar alerta para não cair na armadilha dos falsos parecidos”, pois “muitas palavras iguais têm uma diferente gradação semântica”. Esse é o trabalho do tradutor, bem como o de “fazer com que o texto ofereça a percepção de estar escrito na língua de traslado”.



## Residências artísticas em Moçambique

❗ A artista visual e investigadora portuguesa Mónica de Miranda estará em residência Moçambique até 30 de julho para desenvolver o projeto *Obras Públicas*, cujos resultados serão apresentados em Lisboa, ainda este ano.

Segundo a página do Camões – Centro Cultural Português em Maputo (CCP/Maputo), que apoia a residência juntamente com Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, “neste projeto, Mónica de Miranda reflete sobre o modernismo em África, em especial em Moçambique, desde a década de 1920 até aos dias de hoje”.

Para a artista, cujo trabalho é baseado em temas de arqueologia urbana e geografias pessoais, “a arquitetura modernista integrava-se simbioticamente à paisagem africana, denotando uma adaptabilidade às especificidades climáticas tropicais, como demonstram diversas soluções e obras implementadas e executadas”.

Este não é o primeiro projeto da artista visual portuguesa nascida no Porto, de origem angolana, sobre o modernismo em África. No seu recente projeto *Panorama* (2017), Mónica de Miranda voltou a olhar para a arquitetura modernista em Angola, depois de o ter feito com o projeto *Hotel Globo* (2014-2015), onde “havia examinado criticamente a mudança da superfície urbana de Luanda por meio de incursões de vídeo, fotos e performances nas paisagens interiores do Hotel Globo dos anos 50”, escreveu Ana Balona de Oliveira.

No âmbito da residência artística em Moçambique, “Mónica de Miranda pretende fotografar algumas estruturas de arquitetura modernista e documentar o seu estado de conservação e adaptação à realidade do presente. A artista tem também como objetivo desta residência efetuar uma pesquisa em arquivos moçambicanos, em particular no Arquivo Histórico de Moçambique, sobre imagens antigas dos mesmos edifícios que tenha fotografado”.

O resultado do processo criativo desenvolvido durante a passagem de Mónica de Miranda em Moçambique, mais concretamente em Maputo e Ilha de Moçambique, será apresentado, num primeiro momento, na Galeria Carlos Carvalho, em Lisboa, em Setembro de 2018.

Na mesma altura de Mónica de Miranda estará também em residência em Moçambique, mais especificamente em Maputo, com o apoio do CCP naquela cidade, a dupla constituída pelos artistas Daniel Moreira e Rita Castro Neves, que irão desenvolver o projeto *Maputo 346,77km2*. É na capital moçambicana, “e dentro dos seus 346,77km2”, que Daniel Moreira e Rita Castro Neves se propõem trabalhar, “na perspectiva de aqui [ali] produzir obra nova a ser mostrada *in loco*, no Centro Cultural Português em Maputo”.

“Mesmo partindo da aceitação da impossibilidade de (realmente) conhecer uma cidade, pensamos sobre a paisagem urbana e o nosso confronto com a cidade, uns com os outros, e entre os nossos diferentes meios privilegiados de representação: desenho, fotografia e vídeo, de forma instalada”, dizem num texto de apresentação do projeto os dois criadores, que vivem e trabalham no Porto, com percursos expositivos separados, mas que colaboram desde 2015.

Segundo a diretora do CCP/Maputo, Alexandra Pinho, aquele centro está também a “trabalhar com a Pro Helvetia, sediada em Joanesburgo, no âmbito do projeto *Memories of Growing Up*, que prevê a realização de trabalho de pesquisa e de campo, em Moçambique, numa processo colaborativo entre criadores da Suíça, Moçambique e África do Sul que se deverá traduzir numa exposição a realizar em Maputo, em 2019”.

Entre as suas diversas atividades, nomeadamente no campo literário, o CCP/Maputo “apoia, anualmente, a participação de um escritor moçambicano em festivais e encontros literários em Portugal”. No ano passado, apoiou a participação do jovem poeta Amosse Mucavele no Festival Literário da Gardunha e no Encontro de Escritores Lusófonos em Odivelas. Este ano, apoiou a presença de Mbate Pedro em vários encontros literários em Portugal.

“No domínio da literatura, importa, a nosso ver, numa primeira linha, contribuir para uma maior divulgação de uma nova geração de autores moçambicanos, ainda pouco conhecida em Portugal”, considera Alexandra Pinho. É também por essa razão que o CCP/Maputo se associou à criação do Prémio INCM/Eugénio Lisboa, cuja primeira edição teve lugar em 2017. O processo de candidatura à 2.ª edição deste Prémio Literário terminou a 30 de junho, sendo a decisão do júri constituído por Ungulani Ba Ka Khosa (Presidente), Teresa Manjate e Paula Mendes divulgada até 30 de novembro.



Mónica de Miranda, *Springboard*, da série *Swimming Pool*, 2017

## Autores portugueses na Festa Literária Internacional de Paraty 2018

❗ Será através de um vídeo gravado que a escritora Maria Teresa Horta – um dos “nomes mais transgressores da poesia em língua portuguesa” – participa na edição deste ano da Flip – a Festa Literária Internacional de Paraty, que decorre de 25 a 29 de julho, em Paraty, no Rio de Janeiro, Brasil, e que terá ainda a presença portuguesa da escritora Isabela Figueiredo e o engenheiro e *designer* de som Vasco Pimentel.

A 16ª edição da Flip – que é anualmente organizada pela Casa Azul, uma associação sem fins lucrativos que desenvolve projetos nas áreas de arquitetura, urbanismo, educação e cultura, e que conta nomeadamente com o apoio do Camões – Centro Cultural Português em Brasília – homenageia a escritora brasileira Hilda Hilst (1930–2004), que “escreveu poesia, ficção, teatro e crónica, tendo construído uma obra singular em língua portuguesa na segunda metade do século 20 em torno de temas como o amor, o sexo, a morte, Deus, a finitude das coisas e a transcendência da alma”, segundo a apresentação que dela é feita na página oficial deste festival literário brasileiro.

Este ano, as mesas literárias estão estruturadas precisamente em torno dos temas que marcaram a obra de Hilda Hilst, configurando, assim, uma Flip que será mais íntima, segundo afirmou a curadora do programa principal, Joselia Aguiar, uma antiga jornalista com intensa atividade na área da curadoria cultural e que já em 2017 foi responsável pela programação do Flip, dedicada a Lima Barreto.

A Flip 2018 reúne 33 autores na sua programação principal – 17 mulheres e 16 homens – que desenvolvem atividade nas áreas da poesia, romance, conto, ensaio, história, cinema, edição, música, fotografia, performance, slammer [uma performance poética pelos próprios autores, segundo o jornal digital brasileiro *Nexo*] e desenho de som. “Multiculturais, muitos vivem em países diferentes de onde nasceram, tendo passado por outros tantos territórios no decorrer de suas trajetórias”.

Impedida por recomendação médica de viajar de avião e não havendo “embarcação marítima que ofereça conforto e segurança



Maria Teresa Horta, Isabela Figueiredo e Vasco Pimentel

à autora no período da Flip”, Maria Teresa Horta intervirá por vídeo num painel em que estarão Júlia de Carvalho Hansen e Laura Erber, “duas poetas brasileiras influenciadas pela lírica portuguesa que têm pontos em comum com Hilda Hilst”.

Na Flip, Maria Teresa Horta vai falar, de acordo com a organização, sobre “obras marcantes na história da poesia de língua portuguesa, como *Novas cartas portuguesas*, que assinou em conjunto com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, e sobre sua produção recente, como *Anúncios*, o romance em versos no qual imagina o caso de amor entre Maria e o Anjo Gabriel”. Durante o festival literário, será lançada no Brasil uma *Antologia de Poesia Erótica*, que reúne poemas de toda a obra de Maria Teresa Horta, organizada por Luís Maffei e Raquel Menezes para a editora Oficina Raquel, que também editou em 2014 *Azul-Cobalto*, livro da escritora portuguesa com 12 contos sobre questões femininas. No Brasil, a autora tem publicadas, ainda, as obras *Cem poemas* [antologia pessoal] + 22 inéditos (7letras) e *Palavras secretas* (Escrituras), ambos de 2007, e *Poemas do Brasil* (Brasiliense, 2009).

Já a escritora Isabela Figueiredo, nascida em 1963 em Lourenço Marques (atual Maputo), antiga jornalista e atual professora de português, que

se estreou em 1988 com *Conto* é como quem diz e que tem editados este ano no Brasil *Caderno de memórias coloniais*, de 2009 – “que se tornou obra central no debate sobre racismo e o passado colonial português” – e *A gorda*, de 2016, participa com o escritor brasileiro Juliano Garcia Pessanha – “narrador de género híbrido e filosófico – numa mesa intitulada ‘obscena, de tão lúcida’, para discutirem “a escrita de si, os diários e as memórias, o corpo e o desnudamento”.

Diretor de som em atividade desde 1979, tendo trabalhado em mais de 140 longas-metragens – entre as quais *O Céu de Lisboa*, de Wim Wenders, *Aquele Querido Mês de Agosto*, de Miguel Gomes e *Hilda Hilst pede Contato*, de Gabriela Greb, Vasco Pimentel estará, primeiro, com esta última realizadora, na apresentação das

“divagações literárias e existenciais de Hilda Hilst registadas em fitas magnéticas na década de 1970” e, depois, juntamente com a escritora, compositora e pianista brasileira Jocy de Oliveira, “uma das pioneiras da música de vanguarda” no Brasil, hoje dedicada à ópera multimédia, numa mesa intitulada ‘som e fúria’, dialogando sobre a escuta e a criação de universos sonoros.

Desde 2003, a Flip oferece todos os anos em Paraty, junto às margens do rio Perequê-Açu, numa tenda especialmente montada para a festa, “uma experiência única, permeada pela literatura”. “Sempre em conexão com a cidade que a recebe, a festa é mais do que um evento, é uma manifestação cultural. Numa interlocução permanente entre as artes, propaga vivências focadas sobretudo na diversidade”.



**Camões, I.P.**

Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Luís Faro Ramos

COORDENAÇÃO Vera Sousa

COLABORAÇÃO Carlos Lobato